



Editorial

Em meio ao clima comemorativo do aniversário de 30 anos da História & Ensino, lançamos aqui o segundo número de 2025. Este periódico é um patrimônio da área do ensino de história, sendo um veículo de divulgação científica de grande importância para os estudos deste campo, por isso há que se celebrar a sua continuidade.

Todo número lançado emerge de um esforço coletivo. Sem o público leitor, as/os docentes que avaliaram os artigos, o pessoal técnico, a editoria e as/os autoras/es não seria possível esta empreitada. Certamente, um dos maiores desafios dos periódicos se relaciona à dificuldade em se conseguir doutoras/es especialistas nas temáticas atinentes para avaliar as submissões recebidas. Em meio ao trabalho extenuante nas Universidades, as possibilidades de se encontrar quem possa avaliar artigos são inevitáveis. Afinal, mesmo entre recém autoras/es, as negativas aos convites de avaliação são recorrentes. Não obstante, este não é um problema enfrentado unicamente pelo nosso periódico, mas uma constante também nas demais revistas.

Apesar das ressalvas apresentadas, a cada novo número renovam-se as energias e o empenho para que a revista continue sendo este importante espaço de difusão científica e de debate acadêmico e escolar em torno do ensino de história. Sem perder de vista a centralidade da educação formal, este periódico tampouco tem negligenciado a importância da reflexão sobre a história pública e a circulação de conhecimentos históricos nas diferentes instâncias da vida social.

Abrimos este número com o artigo *Compreensão leitora como parte do letramento histórico disciplinar: perspectivas para a formação de leitores em aulas de história*, fruto da parceria entre a pesquisadora brasileira Lisiane Sias Manke e a pesquisadora argentina Marisa Massone. Nele, o foco recai sobre uma consistente discussão acerca da formação leitora no âmbito do ensino de história, valendo-se de um rico universo conceitual e de um estudo sobre práticas pedagógicas que contribuam para o letramento histórico e para uma frutífera aprendizagem histórica. Na sequência, em diálogo com a temática anterior, o texto *As concepções de passado presentes na consciência histórica de estudantes do curso de História*, de Marília Dalla Vecchia Kaczmarek e Geyso Dongley Germinari, analisa, a partir de uma abordagem qualitativa desenvolvida por intermédio da aplicação de questionários a licenciandas e licenciandos em História da Unicentro, as concepções de passado identificadas entre esses sujeitos. Ancorada nos debates inerentes à Educação Histórica, a pesquisa evidencia o maior peso da experiência vivida em relação a um pensamento de cunho histórico-reflexivo e problematiza os desafios decorrentes dessa constatação.

Nesse sentido, ainda tendo como eixo as situações de ensino e aprendizagem da História, Jezulino Lúcio Mendes Braga e Márcia Fernandes da Cunha examinam, no



Editorial

artigo *Diz aí pessoa docente: partilhas sensíveis entre professores e professoras de história*, o impacto de uma experiência desenvolvida no ambiente digital “Diz aí, pessoa docente!”, que reúne relatos de experiências educativas de docentes de História em museus e outros espaços de patrimônio cultural. O trabalho evidencia a importância do estímulo institucional à formação docente, contribuindo para a promoção de saberes construídos por meio de vivências em espaços museológicos e para o fortalecimento dos esforços voltados à criação de um lócus colaborativo de compartilhamento e expressão das narrativas docentes delas decorrentes.

Embora não se situe exatamente no mesmo âmbito formativo dos estudos anteriores, o texto *A formação do professor de história a partir do tripé psicanalítico*, de Anderson Ferrari, volta-se à reflexão sobre a constituição docente mediante uma investigação fundamentada em um tripé psicanalítico, composto por análise didática, supervisão e seminários teóricos. Dessa forma, a centralidade da docência em História é pensada a partir dos papéis atribuídos ao professor e das reflexões de ordem psicanalítica que contribuem para deslindar tais processos.

Tomando como eixo central o debate sobre as teorias do ensino de História, o professor Arnaldo Szlachta analisa, em seu estudo *A Cultura Histórica no Brasil: uma análise panorâmica do conceito e suas múltiplas dimensões historiográficas*, com base em um estado da arte da produção acadêmica nacional, os modos pelos quais o conceito de Cultura Histórica tem sido mobilizado e problematizado. Longe de demarcar um único sentido para a noção, o autor evidencia como as perspectivas da epistemologia, da prática social e do Ensino de História vêm sendo academicamente articuladas, revelando a potência conceitual e operativa desse constructo.

Numa outra seara, agora voltada às fontes e aos recursos didático-pedagógicos, o artigo *Cinema e ensino de história no contexto da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985): o frame como recurso didático para abordagem da participação feminina na luta por democracia*, de Sandra Uanne Canela da Mota e Antonio Carlos Sardinha, traz uma reflexão que conjuga a preocupação com a representação feminina nos livros didáticos às ricas possibilidades de utilização do frame cinematográfico em sala de aula. Tomando como eixo estruturante a ditadura civil-militar brasileira, os autores propõem reflexões e abordagens que evidenciem o protagonismo feminino a partir de fragmentos de obras fílmicas, de modo a reverberar em leituras críticas por parte das/os estudantes.

O livro didático também constitui o foco do estudo *Entre a hemeroteca e a Editora Alves & Cia: a circulação de compêndios escolares na década de 1890*, de Amanda Guimarães Silva. Desta vez, a autora investiga os compêndios de História utilizados



Editorial

no Brasil e sua relação com a consolidação da disciplina histórica escolar. A partir das transformações curriculares e editoriais do período, são analisadas as obras mais difundidas nas escolas, estabelecendo-se seus nexos com os projetos políticos estatais e com o papel decisivo desempenhado pelos livros didáticos na circulação dos saberes históricos.

Na seção História da Educação, temos o texto *A África de “Z. do P.”: produção de história(s) da África como saber escolar no início do século XX*, de Jonatas Roque Ribeiro. A partir da crônica “Uma lição de História Pátria”, publicada por “Z. do P.”, pseudônimo do professor José Eutrópio (1887-1929), o autor examina o pensamento educacional desse intelectual e sua proposição de um saber escolar sobre a história da África. Com base na fonte periódica, este estudo revela como uma proposta de um século atrás já enfatizava a centralidade e a emergência de um saber escolar que abarcasse a importância da história da África e do papel primordial das populações negras na formação da sociedade brasileira.

Por fim, o segundo texto desta seção, intitulado *Grupos juvenis luteranos na revista “O Jovem Luterano”: educação religiosa e social (1929-1971)*, de Elias Kruger Albrecht e Patrícia Weiduschadt, apresenta, a partir da análise de uma fonte periódica, um estudo sobre o processo de formação da juventude luterana, evidenciando como esse percurso formativo contribuiu para a conformação de uma identidade e de comportamentos sociais característicos do pensamento dessa instituição religiosa.

Finalmente, agradecemos às/aos autoras/es e, igualmente, às/aos pareceristas pelas atentas e profícuas avaliações realizadas, que possibilitaram o aprimoramento da qualidade das propostas recebidas e aprovadas. Para a consecução deste novo número, contamos com o decisivo trabalho da equipe do Escritório de Apoio ao Editor Científico da UEL e do pessoal da Biblioteca da UEL, em especial das bibliotecárias Vilma Feliciano Sanglard e Elaine Cristina de Souza Silva Arvelino.

Esperamos que os artigos aqui reunidos suscitem reflexões, diálogos e novos debates, sendo amplamente lidos e compartilhados pelas/os colegas, de modo a ampliar a disseminação das produções divulgadas neste número.

Saudações cordiais,

Prof. Dr. Alexandre Felipe Fiuza

Prof. Dr. Rivail Carvalho Rolim

Editores da Revista História & Ensino